

A INFANTARIA MODERNA

Maj NEY SALLES
4.º BC

A hecatombe mundial que levou de vencida, em poucos dias, em 1940 uma das organizações militares contemporâneas mais completas — o Exército Francês criou na imaginação dos neófitos, desconhecedores da evolução histórica da arte de guerra, a falsa hipótese de que a Infantaria não mais subsistiria às condições de um combate moderno.

Levada de roldão, como as demais armas que se opunham ao impulso germânico, esqueceram-se os alvissareiros espiritos do modernismo que a ação desenvolvida pelos invasores era, sobretudo, conduzida pela Infantaria, com o apoio da Aeronáutica e dos engenhos blindados.

Na guerra contra a Polónia, nas campanhas do ocidente e nas batalhas da frente oriental, a Infantaria alemã revalidou seu nobre título de "rainha das armas" e deu mostras de sua energia e capacidade de ação no combate.

Em todas essas operações foi sempre a arma principal, a única que se revelou capaz de concentrar em si mesma um conjunto de missões que exigem do infante, qualidades físicas sobrenaturais, pelo ímpeto de suas ações ofensivas, moral extraordinária, para enfrentar de peito aberto o inimi-

go encouraçado e abrir caminhos em suas linhas através dos campos minados ou da fumaça, de arma branca em punho e sózinho, para arrancá-lo das trincheiras.

É óbvio que esses resultados não seriam facilmente alcançados, como o foram, se ela não tivesse acompanhado passo a passo, o desenvolvimento da técnica e da motorização dos exércitos atuais, o que lhe permitiu o cumprimento da sua missão, que a nenhuma outra arma poderia ser atribuída.

Sua prodigiosa capacidade de ação, posta à prova em todas essas campanhas, evidenciou-se:

- na realização de esfalfantes etapas de marcha;
- no ataque ousado e implacável ao inimigo;
- na conquista sistemática do terreno por ele ocupado.

Desta forma a Infantaria assegurou o êxito de seus próprios empreendimentos, mesmo quando isolada das demais armas, embora atuando no conjunto das operações.

Para realizar porém, todas essas missões foi preciso que ela se tornasse a mais completa de todas as armas, por isso mesmo a mais complexa e, portanto, a que

exige maior soma de conhecimentos técnicos.

Obrigada a combater, simultaneamente, um inimigo capaz de surgir por toda a parte — pela frente, pelos flancos, pela retaguarda e pelos ares, em audaciosas formações blindadas ou em arrojados vôos rasantes, tornou-se preciso dotá-la de um armamento apropriado de tipos os mais variados, que lhe permitisse cumprir sua missão até ao esgotamento de suas forças, ou até alcançar definitivamente a vitória.

Acrescida, sobretudo, de novo material contra-carros, contra-aviões e mesmo de canhões de Infantaria, intimamente ligados às vagas de assalto, embora tudo isto represente um maior peso, é indiscutível que esse novo potencial, reunido agora ao fogo enervante e prolongado, preciso e rápido, das armas automáticas e dos morteiros, veio dar à Infantaria na guerra atual um poder ofensivo que, de hoje em diante, parece criminoso deixá-la estagnar-se nas trincheiras.

A Infantaria permaneceu assim a arma por excelência das ações decisivas no campo de batalha, a arma principal em torno da qual todas as demais gravitam no combate.

A variedade desse novo material deveria influir na sua organização. A Companhia de Fuzileiros continuou sendo a célula-mater de sua composição, pois é ainda o menor elemento de força que permite, sob a proteção de suas próprias armas pesadas, da Artilharia e, eventualmente, dos carros de combate e das forças aéreas, uma

ação de comando combinada, suscetível de quebrar de frente as resistências do inimigo fortemente entrincheirado. É ela que, na arrancada final, encarna o elemento decisivo da luta, pelo assalto a arma branca, de granada em punho e expulsa o inimigo de seus abrigos, disfarçados nos campos de batalha.

Da mesma forma que as Cias. de Fuzileiros, as metralhadoras, os morteiros e os canhões permanecem grupados em companhias, como anteriormente, à disposição do comandante do batalhão, destinados a fornecer aos primeiros escalões de assalto, uma proteção permanente e um apoio de fogo indispensável às operações locais, para conquistar o terreno ou para manter sua posse definitiva.

O Batalhão manteve-se como unidade tática de combinação dos esforços, mas de composição variável, conforme as necessidades de seu emprego imediato em determinado teatro de operações. O Regimento de Infantaria tornou-se, porém, demasiadamente pesado. Cedeu lugar à Brigada, sem apresentar grandes diferenças no que se refere à instrução e ao combate.

Não será no fragor das batalhas, em que a luta evidenciar os defeitos de uma organização inadaptável as condições do combate moderno, que se poderá corrigir suas imperfeições, pois que não restará geralmente tempo para impedir a derrota.

Assim sucedeu aos exércitos superiormente organizados que, tomados de surpresa no remanso da experiência de uma guerra já

passada, não anteviram a destruição de sua própria nacionalidade.

É preciso que as lições do passado sirvam de ensinamento para o futuro, mas se visarem satisfazer apenas o presente, elas jamais corresponderão aos anseios de um povo e de sua soberania.

A Infantaria Moderna deixou de ser apenas uma tropa "padronizada" apta a qualquer ação em campanha, para transformar-se em uma arma capaz de avocar a si tôdas as vitórias de um exército soberanamente organizado. Jamais os sucessos das outras armas se transformarão em vitórias defini-

tivas se a Infantaria não os completar com sua intervenção direta na batalha, pelo combate que oferecer ao adversário e pelos audaciosos assaltos que, finalmente, contra êle desfechar.

Apesar do apoio que lhe podem prestar as outras armas, cumpre-lhe enfrentar o inimigo, combatê-lo onde quer que êle se encontre, utilizando com extraordinária pericia o seu variado armamento.

"Segundo o valor de seu exército floresce ou parece um povo: segundo o valor de sua Infantaria vive ou morre um exército."

A moderna estratégia não mais se baseia apenas em operações militares em larga escala, mas inclui manobras políticas, econômicas, tecnológicas e psicológicas, além da penetração ideológica, capazes de aumentar os fatores de poder de uma nação ou coalizão.